

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

9º ANO

3º BIMESTRE

AUTORIA

ADRIANA VILASBOAS DO ESPIRITO SANTO

Rio de Janeiro

2012

TEXTO GERADOR I

O Texto Gerador I é o capítulo inicial de *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'água*, de Jorge Amado.

I

ATÉ HOJE PERMANECE CERTA CONFUSÃO em torno da morte de Quincas Berro D'água. Dúvidas por explicar, detalhes absurdos, contradições no depoimento das testemunhas, lacunas diversas. Não há clareza sobre hora, local e frase derradeira. A família, apoiada por vizinhos e conhecidos, mantém-se intransigente na versão da tranquila morte matinal, sem testemunhas, sem aparato, sem frase, acontecida quase vinte horas antes daquela outra propalada e comentada morte na agonia da noite, quando a lua se desfez sobre o mar e aconteceram mistérios na orla do cais da Bahia. Presenciada, no entanto, por testemunhas idôneas, largamente falada nas ladeiras e becos escusos, a frase final repetida de boca em boca representou, na opinião daquela gente, mais que uma simples despedida do mundo, um testemunho profético, mensagem de profundo conteúdo (como escreveria um jovem autor de nosso tempo).

Tantas testemunhas idôneas, entre as quais Mestre Manuel e Quitéria do Olho Arregalado, mulher de uma só palavra, e, apesar disso, há quem negue toda e qualquer autenticidade não só à admirada frase mas a todos os acontecimentos daquela noite memorável, quando, em hora duvidosa e em condições discutíveis, Quincas Berro D'água mergulhou no mar da Bahia e viajou para sempre, para nunca mais voltar. Assim é o mundo, povoado de céticos e negativistas, amarrados, como bois na canga, à ordem e à lei, aos procedimentos habituais, ao papel selado. Exibem eles, vitoriosamente, o atestado de óbito assinado pelo médico quase ao meio-dia e com esse simples papel – só porque contém letras impressas e estampilhas – tentam apagar as horas intensamente vividas por Quincas Berro D'água até sua partida, por livre e espontânea vontade, como declarou, em alto e bom som, aos amigos e outras pessoas presentes.

A família do morto – sua respeitável filha e seu formalizado genro, funcionário público de promissora carreira; tia Marocas e seu irmão mais moço, comerciante com modesto crédito num banco – afirma não passar toda a história de grossa intrujice, invenção de bêbedos inveterados, patifes à margem da lei e da sociedade, velhacos cuja paisagem deveria ser as grades da cadeia e não a liberdade das ruas, o porto da Bahia, as praias de areia branca, a noite imensa. Cometendo uma injustiça, atribuem a esses amigos de Quincas toda a responsabilidade da malfadada existência por ele vivida nos últimos anos, quando se tornara desgosto e vergonha para a família. A ponto de seu nome não ser pronunciado e seus feitos não serem comentados na presença inocente das crianças, para as quais o avô Joaquim, de saudosa memória, morrerá há muito, decentemente, cercado da estima e do respeito de todos. O que nos leva a constatar ter havido uma primeira morte, senão física pelo menos moral, datada de anos antes, somando um total de três, fazendo de Quincas um recordista da morte, um campeão do falecimento, dando-nos o direito de pensar terem sido os acontecimentos posteriores – a partir do atestado de óbito até seu mergulho no mar – uma farsa montada por ele com o intuito de mais uma vez atazanar a vida dos parentes, desgostá-los a existência, mergulhando-os na vergonha e nas murmurações da rua. Não era ele homem de respeito e de conveniência, apesar do respeito dedicado por seus parceiros de jogo a jogador de tão invejada sorte e a bebedor de cachaça tão longa e conversada.

Não sei se esse mistério da morte (ou das sucessivas mortes) de Quincas Berro Dágua pode ser completamente decifrado. Mas eu o tentarei, como ele próprio aconselhava, pois o importante é tentar, mesmo o impossível.

Vocabulário

Derradeira – que fica ou vem no final, última.

Intransigente – pessoa que é austera, rigorosa nos princípios.

Propalada – divulgada, espalhada, falada.

Idôneas – aptas capazes, competentes.

Escusos – escondidos, não frequentados..

Autenticidade – qualidade do que é autêntico. Digno de fé ou de confiança, que não pode ser contestado.

Canga – jugo de madeira que une uma junta de bois para o trabalho.

Estampilhas – selo do Governo que se cola em certos documentos.

Intrujice – ato de burlar, enganar.

Inveterados – muito antigos.

Velhacos – que engana de propósito. Que é fraudulento, traiçoeiro. Que pratica ações ruins; maroto, patife.

Atividade de Leitura

QUESTÃO

Quando lemos um texto, muitas vezes nos deparamos com uma palavra desconhecida. Contudo podemos compreender o significado dela de acordo com o contexto em que está inserida. Observe a passagem abaixo:

“Tantas testemunhas idôneas, entre as quais Mestre Manuel e Quitéria do Olho Arregalado, mulher de uma só palavra, e, apesar disso, há quem negue toda e qualquer autenticidade não só à admirada frase mas a todos os acontecimentos daquela noite memorável, quando, em hora duvidosa e em condições discutíveis, Quincas Berro D’água mergulhou no mar da Bahia e viajou para sempre, para nunca mais voltar. Assim é o mundo, povoado de céticos e negativistas (...)”

Agora responda: o que você acha que a palavra destacada quer dizer? Como chegou a essa conclusão?

Habilidade trabalhada:

Inferir o significado de palavras desconhecidas a partir do contexto em que são usadas.

Resposta Comentada

É importante deixar claro para o aluno que o desconhecimento de uma palavra não impossibilita a compreensão do texto. É apropriado ressaltar que a apreensão do significado é facilitada pelo sentido apresentado pelo contexto (linguístico e extralinguístico) no qual a palavra está inserida. Dessa forma, mesmo que não saiba o significado de **cético**, o aluno poderá inferir pelo contexto linguístico em que a palavra aparece que significa “indivíduo descrente, aquele que duvida de tudo que não está provado de maneira evidente.” O aluno chegará a esta conclusão após ler o trecho “há quem negue toda e qualquer autenticidade não só à admirada frase, mas a todos os acontecimentos daquela noite memorável, quando, em hora duvidosa e em condições discutíveis, Quincas Berro D’água mergulhou no mar da Bahia e viajou para sempre, para nunca mais voltar” e identificar que cético é aquele que nega “toda e qualquer autenticidade” dos fatos narrados.

QUESTÃO 3

A expressão “ler nas entrelinhas” refere-se a deduções feitas sobre o conteúdo de um texto a partir de “pistas” que o autor apresenta, ou seja, o leitor é capaz de fazer inferências” a partir das informações dadas no texto.

Pensando nisso, leia a passagem que menciona a família de Quincas:

“(…)A família do morto – sua respeitável filha e seu formalizado genro, funcionário público de promissora carreira; tia Marocas e seu irmão mais moço, comerciante com modesto crédito num banco – afirma não passar toda a história de grossa intrujice, invenção de bêbedos inveterados, patifes à margem da lei e da sociedade, velhacos cuja paisagem deveria ser as grades da cadeia e não a liberdade das ruas, o porto da Bahia, as praias de areia branca, a noite imensa. Cometendo uma injustiça, atribuem a esses amigos de Quincas toda

a responsabilidade da malfadada existência por ele vivida nos últimos anos, quando se tornara desgosto e vergonha para a família. A ponto de seu nome não ser pronunciado e seus feitos não serem comentados na presença inocente das crianças, para as quais o avô Joaquim, de saudosa memória, morrera há muito, decentemente, cercado da estima e do respeito de todos. O que nos leva a constatar ter havido uma primeira morte, senão física pelo menos moral, datada de anos antes, somando um total de três ...”

Agora diga: o que se pode deduzir sobre a relação de Quincas com sua família?

Habilidade trabalhada

Utilizar pistas do texto para fazer antecipações e inferências a respeito de conteúdo.

Resposta Comentada

O aluno deverá perceber que a relação de Quincas com a sua família não é boa, que os familiares afastaram-se dele há anos atrás (três anos para ser exato) por conta de suas amizades com “bêbedos inveterados, patifes à margem da lei e da sociedade, velhacos” que circulam livremente pelas ruas da Bahia. Os familiares acreditavam que esses seus amigos eram responsáveis pela “malfadada existência por ele vivida nos últimos anos, quando se tornara desgosto e vergonha para a família”. O narrador, no entanto, deixa claro que tal coisa não é verdade, pois afirma que os familiares estão “cometendo uma injustiça”.

É importante ressaltar para os alunos que a família de Quincas é apresentada com características positivas, são pessoas respeitáveis, com crédito na praça e carreira promissora e fazem contraponto com os amigos de Quincas que são representados apenas com vocábulos negativos. O autor, dessa forma, reproduz a visão da sociedade da época em que se passa a história: a família é de pessoas dignas, do funcionário público, do pequeno comerciante; enquanto o grupo de amigos de Quincas é formado por pessoas que estão à margem da sociedade, que vivem à margem das normas éticas.

Também vale a pena mostrar aos alunos que a família procura esconder das pessoas os anos finais da vida do morto que é lembrado como “o avô Joaquim, de saudosa memória,[que] morrera há muito, decentemente, cercado da estima e do respeito de todos.” Contudo, junto aos amigos de farra e boêmia, o personagem ganha novo nome “Quincas Berro D’água” e um novo comportamento social como demonstra o trecho: “não era ele homem de respeito e de conveniência, apesar do respeito dedicado por seus parceiros de jogo a jogador de tão invejada sorte e a bebedor de cachaça tão longa e conversada.”

TEXTO GERADOR II

O Texto Gerador II refere-se ao segundo capítulo de *A Morte e a Morte de Quincas Berro D’água*, de Jorge Amado.

II

OS PATIFES QUE CONTAVAM, PELAS ruas e ladeiras, em frente ao Mercado e na feira de Água dos Meninos, os momentos finais de Quincas (até um folheto com versos de pé-quebrado foi composto pelo repentista Cuíca de Santo Amaro e vendido largamente) desrespeitavam assim a memória do morto, segundo a família. E memória de morto, como se sabe, é coisa sagrada, não é para estar na boca pouco limpa de cachaceiros, jogadores e contrabandistas de maconha. Nem para servir de rima pobre a cantadores populares na entrada do Elevador Lacerda, por onde passa tanta gente de bem, inclusive colegas de repartição de Leonardo Barreto, humilhado genro de Quincas. Quando um homem morre, ele se reintegra em sua respeitabilidade a mais autêntica, mesmo tendo cometido loucuras em sua vida. A morte apaga, com sua mão de ausência, as manchas do passado e a memória do morto fulge como diamante. Essa a tese da família, aplaudida por vizinhos e amigos. Segundo eles, Quincas Berro D’água, ao morrer, voltara a ser aquele antigo e respeitável Joaquim Soares da Cunha, de boa família, exemplar funcionário da Mesa de Rendas Estadual, de passo medido, barba escanhoada, paletó negro de alpaca, pasta sob o braço, ouvido com respeito pelos vizinhos, opinando sobre o tempo e a política, jamais visto num botequim, de cachaça caseira e comedida. Em realidade, num esforço digno de todos os aplausos, a família

consequira que assim brilhasse, sem jaça, a memória de Quincas desde alguns anos, ao decretá-lo morto para a sociedade. Dele falavam no passado quando, obrigados pelas circunstâncias, a ele se referiam. Infelizmente, porém, de quando em vez algum vizinho, um colega qualquer de Leonardo, amiga faladeira de Vanda (a filha envergonhada), encontrava Quincas ou dele sabia por intermédio de terceiros. Era como se um morto se levantasse do túmulo para macular a própria memória: estendido bêbedo, ao sol, em plena manhã alta, nas imediações da rampa do Mercado ou sujo e maltrapilho, curvado sobre cartas sebatas no átrio da igreja do Pilar ou ainda cantando com voz rouquenha na ladeira de São Miguel, abraçado a negras e mulatas de má vida. Um horror!

Quando finalmente, naquela manhã, um santeiro estabelecido na ladeira do Tabuão chegou aflito à pequena porém bem arrumada casa da família Barreto e comunicou à filha Vanda e ao genro Leonardo estar Quincas definitivamente espichado, morto em sua pocilga miserável, foi um suspiro de alívio que se elevou uníssono dos peitos dos esposos. De agora em diante já não seria a memória do aposentado funcionário da Mesa de Rendas Estadual perturbada e arrastada na lama pelos atos inconsequentes do vagabundo em que ele se transformara no fim da vida. Chegara o tempo do merecido descanso. Já poderiam falar livremente de Joaquim Soares da Cunha, louvar-lhe a conduta de funcionário, de esposo e pai, de cidadão, apontar suas virtudes às crianças como exemplo, ensiná-las a amar a memória do avô, sem receio de qualquer perturbação.

(...)

Estava na hora de Leonardo ir para a Repartição. Disse à esposa:

– Vai na frente, eu passo na Repartição e não demoro a chegar. Tenho de assinar o ponto. Falo com o chefe...

Mandaram o santeiro entrar, ofereceram-lhe uma cadeira na sala. Vanda foi mudar a roupa. O santeiro contava de Quincas a Leonardo, não havia quem não gostasse dele na ladeira do Tabuão. Por que se entregara ele – homem de boa família e de posses, como o santeiro podia constatar ao ter o prazer de travar conhecimento com sua filha e seu genro –

àquela vida de vagabundo? Algum desgosto? Devia ser, com certeza. Talvez a esposa o houvesse carregado de chifres, muitas vezes sucedia. E o santeiro punha os indicadores na testa, numa interrogação frascária: tinha adivinhado?

– Dona Otacília, minha sogra, era uma santa mulher!

O santeiro coçou o queixo: por que então? Mas Leonardo não respondeu, foi atender Vanda, que o chamava do quarto.

– É preciso avisar...

– Avisar? A quem? Pra quê?

– A tia Marocas e a tio Eduardo... Aos vizinhos. Convidar para o enterro...

– Para que avisar logo aos vizinhos? Depois a gente conta. Senão vai ser um converseiro danado...

– Mas tia Marocas...

– Falo com ela e Eduardo... Depois de passar na Repartição. Anda depressa senão esse tal que veio trazer a notícia sai por aí espalhando...

– Quem diria... Morrer assim, sem ninguém...

– De quem a culpa? Dele mesmo, maluco...

Na sala, o santeiro admirava um colorido retrato de Quincas, antigo, de uns quinze anos, senhor bem-posto, colarinho alto, gravata negra, bigodes de ponta, cabelo lustroso e faces róseas. Ao lado, em moldura idêntica, o olhar acusador e a boca dura, dona Otacília, num vestido preto, de rendas. O santeiro estudou a fisionomia azeda:

– Não tem cara de quem engana marido... Em compensação, devia ser um osso duro de roer... Santa mulher? Não acredito...

Vocabulário

Verso de pé quebrado – verso errado ou malfeito.

Repentista – que executa qualquer música de maneira improvisada.

Fulgir (fulge) – sobressai, salienta-se.

Tese – Argumento, assunto, tema.

Comedida – Moderada, prudente.

Jaça – Falha, mancha, mácula.

Pocilga – Casa imunda. *gír* Espelunca.

Unísono – Unânime; concorde, num único som.

Oso duro de roer – coisa ou empreendimento que apresenta dificuldades quase insuperáveis

Atividade de Uso da Língua

QUESTÃO

Leia o trecho abaixo:

“Estava na hora de Leonardo ir para a Repartição. Disse à esposa:

– Vai na frente, eu passo na Repartição e não demoro a chegar. Tenho de assinar o ponto. Falo com o chefe...”

Agora, reescreva a fala de Leonardo passando-a para o discurso indireto.

Habilidade trabalhada

Diferenciar e utilizar adequadamente os discursos direto e indireto.

Resposta Comentada

Nesta atividade, o aluno deverá perceber que, ao transpor um texto do discurso direto para o indireto, o texto sofrerá algumas modificações por conta da estrutura que caracteriza cada tipo de discurso (a ausência ou presença de travessão, dois pontos e parágrafo no discurso direto, o uso da conjunção integrante “que” no discurso indireto). Deverá observar, principalmente, a mudança do tempo verbal exigida pela transposição do discurso direto para o indireto.

Dessa forma, para realizar esta questão, é válido utilizar a tabela de mudanças morfosintáticas que ocorrem do discurso direto para o indireto:

DISCURSO DIRETO	DISCURSO INDIRETO
Verbo no presente: “Eu não confio mais na Justiça.”	Verbo no pretérito imperfeito do indicativo: O detento disse que não confiava mais na Justiça.
Verbo no pretérito perfeito: “Eu não roubei nada.”	Verbo no pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo ou no pretérito mais-que-perfeito: O acusado defendeu-se, dizendo que não tinha roubado (que não roubara) nada.
Verbo no futuro do presente: “Faremos justiça de qualquer maneira”	Verbo no futuro do pretérito: Declararam que fariam justiça de qualquer maneira.
Verbo no imperativo: “Saia da delegacia” - disse o delegado ao promotor.	Verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo: O delegado <i>ordenou</i> ao promotor que saísse da delegacia.

Assim, o aluno poderá realizar satisfatoriamente a questão percebendo que se, no discurso direto, os verbos estão no presente do indicativo (“passo”, “demoro”, “tenho”, “falo”), deverá, no discurso indireto, passar para o pretérito imperfeito do indicativo (“passaria”, “demoraria”, “tinha”, “falaria”), que o verbo no imperativo (“vai”) deverá ser colocado no pretérito imperfeito do subjuntivo (“fosse”) e que os pronomes pessoais também devem ser alterados (o “eu” passa a “ele”). A reescrita da frase deverá ficar da seguinte forma:

“Estava na hora de Leonardo ir para a Repartição. Disse à esposa **que fosse** na frente, **que ele passaria** na Repartição e não **demoraria** a chegar. **Que tinha** de assinar o ponto e **falaria** com o chefe...”

QUESTÃO 6

Leia abaixo um trecho que explicita como era para a família de Quincas quando algum conhecido o encontrava pelos becos da Bahia completamente bêbado:

*“Infelizmente, porém, de quando em vez algum vizinho, um colega qualquer de Leonardo, amiga faladeira de Vanda (a filha envergonhada), encontrava Quincas ou dele sabia por intermédio de terceiros. **Era como se um morto se levantasse do túmulo para macular a própria memória:** estendido bêbado, ao sol, em plena manhã alta, nas imediações da rampa do Mercado ou sujo e maltrapilho, curvado sobre cartas sebatas no átrio da igreja do Pilar ou ainda cantando com voz rouquenha na ladeira de São Miguel, abraçado a negras e mulatas de má vida”.*

Na passagem destacada, o uso do verbo no subjuntivo, associado ao conector “como”, expressa uma ideia de:

- (a) conclusão
- (b) conformidade

- (c) finalidade
- (d) proporção
- (e) comparação

Habilidade trabalhada

Relacionar o emprego do modo subjuntivo à ocorrência de orações subordinadas adverbiais.

Resposta Comentada

Analisando a relação entre as orações que compõem o período, podemos separá-las da seguinte forma:

“Era / como se um morto se levantasse do túmulo / para macular a própria memória:”

Para realizar esta questão, é interessante trabalhá-la em etapas.

Inicialmente, deve-se levar o aluno a perceber que o uso do pretérito imperfeito do subjuntivo na passagem “se um morto se levantasse do túmulo”, indica uma hipótese.

Em seguida, analisando a relação entre as duas orações iniciais do período, o aluno perceberá que a resposta correta é a letra *e*, “*comparação*”, pois compara-se o encontro de conhecidos dos familiares com Quincas com um hipotético encontro com um cadáver (devemos lembrar aos alunos que os familiares de Quincas o tratavam como tal).

A opção *a*, “*conclusão*”, será descartada, visto que não há, no enunciado, um entendimento definitivo acerca do assunto que é apresentado. A opção *b*, “*conformidade*” também está descartada, uma vez que não há uma ideia de demonstração de caminho ou modelo a ser adotado na relação entre as orações. A opção *c* “*finalidade*”, está igualmente equivocada, uma vez que não há a evidência da apresentação de um objetivo na passagem em questão. A opção *d*, “*proporção*”, também está errada, uma vez que não há dados que mostrem a relação de proporcionalidade.

Atividade de Produção Textual

QUESTÃO 7

Considerando a estrutura do texto narrativo (apresentação, conflito, clímax, desfecho), a turma se dividirá em grupos, lerá a história completa do livro “*A Morte e A Morte de Quincas Berro D’água*” e depois cada grupo modificará uma das partes estruturais do texto (ou a apresentação, ou o conflito, ou o clímax, ou o desfecho).

Depois que todos os trechos forem alterados, a turma elaborará uma narrativa que una os textos de todos os grupos.

Habilidade trabalhada

Produzir coletivamente um texto narrativo cuja estrutura se aproxime do romance.

Comentário

A atividade proposta deve ser avaliada em relação à capacidade de planejamento dos alunos, à estrutura geral da narrativa e à necessidade de cada item se articular aos demais, de forma interessante e significativa. Deve ser levada em conta, para a avaliação, além do resultado final, o grau de imaginação e a capacidade de concentração demonstrados pelos alunos.